

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE COMO PRÁTICA DE EMPODERAMENTO FEMININO

Vanessa Nascimento Machado¹
Orientadora: Dra. Suely Aldir Messeder²

Resumo: Trata-se de uma pesquisa-ação que tem por finalidade realizar oficinas de orientação sexual para mulheres do município de Alagoinhas que frequentam o consultório de enfermagem em sexualidade humana e aceitarem em participar das mesmas. Este trabalho tem como objetivos analisar se a prática educativa, voltada para a educação sexual, pode contribuir para o processo de empoderamento e de emancipação feminina; compreender o conhecimento que as mulheres têm sobre sexualidade e como foi adquirido, e conhecer de que forma essas mulheres vivenciam sua sexualidade com liberdade de expressão e escolha, e como se relacionam com a busca do prazer. Espera-se que os grupos possam se tornar lugar de reflexão sobre a sexualidade feminina na contemporaneidade, fazendo com que as mulheres possam enxergar suas subjetividades, potencializando-as; reconhecer a importância da prática educativa para o conhecimento sobre sexualidade humana e por fim, reconhecer que o conhecimento sobre sexualidade humana leva ao empoderamento e emancipação feminina através da transformação. A educação sexual passa a se constituir um elemento significativo de mudança e progresso, uma tentativa de por ao alcance das pessoas condições para que possam usufruir e conviver com a própria sexualidade e com a de seus semelhantes, numa forma consciente, moderada e respeitosa.

Palavras Chave: Educação Sexual. Empoderamento. Oficinas de Orientação. Pesquisa-ação

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pela presença da mulher na política, no mercado de trabalho, com independência financeira, fazendo uso de dispositivos, com novos modelos de família, com divisão de tarefas domiciliares entre homens e mulheres; uma nova realidade da área econômica, política e social.

Com essas alterações vivenciadas nas respectivas áreas, indaga-me sobre o campo sexual. Houve avanço como nas demais áreas? As mulheres tem liberdade para expressar e exercer sua sexualidade? Estão preparadas para vivenciá-la de forma plena e prazerosa? Elas discutem o assunto? Em que ambiente é discutido?

Percebe-se que muitas mulheres educadas em um ambiente de repressão no que diz respeito às manifestações sexuais, preferem não tocar no assunto. Isto concretiza-se a partir das relações estabelecidas em nosso meio, consequência de uma cultura, capitalista e patriarcal que apesar dos avanços do tempo e da tecnologia, continuam fortemente sendo reproduzidas, além de demonstrar as relações de poder.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

É a partir deste contexto que esta pesquisa será desenvolvida tendo como problemática central: Como as práticas educativas voltadas para orientação sexual de mulheres contribuem para o processo de empoderamento e emancipação feminina?

O estudo se desenvolverá com mulheres do Município de Alagoinhas BA, que frequentam o consultório de sexualidade humana e aceitarem participar do grupo de práticas educativas em sexualidade. Acredita-se que este trabalho será de muita importância para profissionais de diversas áreas, pois irá contribuir na aquisição de novos conhecimentos na área da educação sexual feminina. Somar-se ao conhecimento produzido no que se refere ao empoderamento feminino e abrirá espaços para novos trabalhos na temática. Contribuirá principalmente para as mulheres que estarão adquirindo conhecimento e fazendo durante as oficinas uma reflexão crítica sobre educação sexual, abrindo espaço para discutir sobre a sexualidade feminina, melhorando sua autoestima como mulher e sua vivência sexual com seu companheiro/a, concretizando a educação sexual como uma etapa importante para o empoderamento da mulher.

OBJETIVOS:

- Analisar se a prática educativa, voltada para a educação sexual, pode contribuir para o processo de empoderamento e de emancipação feminina;
- Compreender o conhecimento que as mulheres têm sobre sexualidade e como foi adquirido,
- Conhecer de que forma essas mulheres vivenciam sua sexualidade com liberdade de expressão e escolha, e como se relacionam com a busca do prazer.

As práticas educativas são momentos de aprendizagens que reproduzem ou desconstroem estereótipos de gênero. Nessa perspectiva toda educação deve ter como objetivo a formação do indivíduo, necessitando ser conscientizadora e libertadora, geradora de equilíbrio pessoal e propiciadora do real desenvolvimento em todas as suas potencialidades. Na visão de Fucs (1993, p. 200)

a educação sexual poderia ser definida como a parte da educação geral que transmite os conhecimentos e as mensagens necessárias para que o indivíduo possa adquirir atitudes, expressar seus sentimentos e firmar os valores que o permitem aceitar e vivenciar a sexualidade própria e dos outros, num contexto livre e responsável. E se transmite conhecimentos e se passa mensagens não apenas com informações mas também e principalmente com exemplos e atitudes adequadas no dia-a-dia, mesmo porque educar é formar e não apenas informar, muito embora informar corretamente, ao lado de um posicionamento adequado e de atitudes equilibradas, seja indispensável a uma formação sadia.

Pensando assim, uma mulher que tenha consciência de tais questões e consiga transpor para o dia-a-dia no convívio pessoal, atitudes reflexivas, maduras, conscientes, livre de julgamentos, mitos e tabus, trará para si e para os outros maior afetividade, equilíbrio, responsabilidade, coerência entre o que se pensa e o que se faz a respeito de si e dos/as outros/as.

A educação sexual passa a se constituir um elemento significativo de mudança e progresso, uma tentativa de por ao alcance das pessoas condições para que possam usufruir e conviver com a própria sexualidade e com a de seus semelhantes, numa forma consciente, moderada e respeitosa. Afirmando esse pensamento Jesus, (1998, p. 48) relata que, “cada vez mais se aceita a ideia de que a sexualidade humana tem muito a ver com as possibilidades de felicidade pessoal e social, constituindo-se num elemento chave para a saúde e para a qualidade de vida”.

Para Ribeiro (1990, p. 37) “informar também é importante, corrigir as informações distorcidas é essencial, porém, nunca como um fim em si mesmo”. Assim, se situarmos as questões sexuais dentro de um quadro socioeconômico e cultural que implica em relações de poder, sem estimularmos a equidade entre as pessoas, homens e mulheres; a emancipação da mulher e, principalmente, sem possibilitarmos a livre manifestação de diferentes pontos de vista na questão de valores, não estaremos de forma alguma fazendo educação sexual.

A constituição prevê igualdade entre homens e mulheres em direitos e obrigações. De nada adiantará a modernidade dos tempos, das tecnologias, da liberdade de expressão se o passado de subordinação da mulher ao homem prevalecer sobre a evolução e o progresso. O processo democrático passa primordialmente pelas relações onde haja igualdade e, de fato, homens e mulheres exerçam verdadeiramente uma vida saudável, vivenciando sua sexualidade de modo natural e sem preconceito contribuindo para uma nova cultura, cultura essa onde mulheres e homens se respeitam como seres humanos, de direitos, tendo o diálogo e a problematização como estratégia.

Sabe-se que o “poder” está presente em todos os níveis das relações sociais apresentando-se de diferentes formas; localizando-se em diversos espaços, corpos e relações. Como exemplo tem o poder judiciário, da mídia, dos pais sobre os filhos. Para Foucault, (2015, p. 160) vivemos em uma sociedade “de sexualidade” nos quais os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida; e “... o poder a esboça, suscita-a e dela se serve como um sentido proliferante de que sempre é preciso retomar o controle para que não escape”... “dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril” (Idem, p. 13). “o poder falar da sexualidade e para a sexualidade; quanto esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo” (Idem, p. 160).

Carvalho e Gastaldo (2008) em estudos buscando destacar a categoria de Promoção da Saúde, preconizam a utilização da noção de empoderamento produzindo sujeitos reflexivos, autônomos e socialmente solidários, buscando implementar novas práticas de educação em saúde.

O trabalho se desenvolverá através da pesquisa-ação por ser concebida e realizada em estreita associação com uma ação no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação estarão envolvidos de modo cooperativo e participativo o que certamente recai em uma abordagem qualitativa. Para tal, se utilizará como sujeito e cenário respectivamente, mulheres do Município de Alagoinhas-BA que aceitarem participar do estudo.

De acordo com Thiollent (2006), a pesquisa-ação participativa deve ser considerada um campo da tecnologia educacional. A pesquisa-ação como método tem sido aplicada à educação, especialmente, na educação de jovens e adultos. Em uma perspectiva crítica, ela favorece a autonomia dos educandos e pode servir de base para um processo de auto formação de diferentes categorias profissionais, inclusive da área de saúde.

Com a pesquisa-ação estaremos firmando o compromisso social e ideológico entre os quais se destaca o compromisso do tipo “reformador” e “participativo”. Pretendendo-se aumentar assim os conhecimentos do pesquisador e o nível de consciência do grupo considerado. Para Thiollent (2006) “Muitos partidários restringem a concepção e o uso da pesquisa-ação a uma orientação de ação emancipatória e a grupos sociais que pertencem às classes populares ou dominantes. Nesse caso, a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sócio-político a serviço da causa das classes populares”.

“Trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações” (Hugon, Seibel, 1988, p. 13), In Barbier (2007, p. 17).

A pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Ela serve à educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Ela pertence por excelência à categoria da formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano, BARBIER (2007, p. 19).

Em relação ao planejamento da pesquisa-ação thiollent (2009) afirma quatro grandes fases:

1. Exploratória: os atores da pesquisa começam a detectar os problemas a serem combatidos; fase diagnóstica.
2. Fase de pesquisa ou principal: coletam-se dados com diversos instrumentos e a pesquisa é discutida pelos membros.

3. Fase de ação: definem-se objetivos, apresentam-se propostas e resultados.
4. Fase de avaliação: obter conhecimento produzido pela pesquisa e analisar os resultados alcançados.

A pesquisa se desenvolverá em duas etapas assim denominadas:

- Trabalho de Campo (fase exploratória, de pesquisa e de ação).

Realização de grupos operativos de “oficinas de educação sexual” tendo como atores mulheres do município de Alagoinhas que aceitarem participar. As oficinas ocorreram de forma contínua e sistematizada, oportunizando a observação participante e aplicação de questionários/entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas que serão aplicados em três momentos:

Inicial para identificação dos atores envolvidos, identificar o nível sócio cultural e econômico, conhecer o nível de interesse dos mesmos e o nível de consciência sobre o assunto.

Intermediário ao trabalho possibilitando examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação.

Conclusivo permitindo realizar uma avaliação e conclusão do processo de investigação.

- Sistematização dos resultados e discussão (fase de avaliação)

Esta etapa visa sistematizar as informações e publicizar os resultados da pesquisa para possibilitar uma reflexão do trabalho desenvolvido no grupo de mulheres e, ainda, um retorno imediato junto às mulheres participantes das oficinas de educação sexual. Para isto será organizado um encontro com os sujeitos pesquisados para apresentação dos resultados.

RESULTADOS QUE SE ESPERA ALCANÇAR

- Que os grupos possam se tornar lugar de reflexão sobre a sexualidade feminina na contemporaneidade, fazendo com que as mulheres possam enxergar suas subjetividades, potencializando-as.
- Reconhecer a importância da prática educativa para o conhecimento sobre sexualidade humana.
- Reconhecer que o conhecimento sobre sexualidade humana leva ao empoderamento e emancipação feminina através da transformação.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, S. R.; GASTALDO, D. *Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista*. Ciência & Saúde Coletiva, 2008.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FUCS, G. B. *Porque o sexo é bom? Orientação sexual para todas as idades*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- JESUS, M. C. P de. *A educação sexual na vida cotidiana de pais e adolescentes: uma abordagem compreensiva da ação social*. São Paulo, 1998. Dissertação (Doutorado em Enfermagem) -Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- RIBEIRO, P. R. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.
- THIOLLENT, M (Org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: Ed UFSCar, 2006.
- THIOLLENT, M. *Pesquisa-ação nas organizações*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.